

A ORIGINALIDADE TÉCNICA NA OBRA DE LUIGI PIRANDELLO

O Dia – 05 de julho de 1936.

Estudemos a literatura no modo de confeccionar uma obra de ficção à maneira dos românticos, dos naturalistas, dos populistas, dos amantes do introspeccionismo, dos simbolistas, e vejamos onde se pode situar o amável Pirandello do “Pensaci Giacomino”.

Cerebralista terrível, Pirandello coloca, em tudo, um pouco de romantismo a gosto do impagável autor de “Boule-de-Suir”. Maupassant não fica mal como pai intelectual do velho e mordaz professor siciliano, como ascendente imediato desse homem de inteligência aguda que chegou a tirar, brincando, o prêmio Nobel de literatura. O que não sabemos é se Pirandello conforma-se com a paternidade forçada do escritor de “Yvette”, como admira, conforme faz crer, o seu ascendente mais direto que é ou que foi Marcel Proust.

Situado entre os românticos e os naturalistas, entre os introspeccionistas e os simbolistas, Pirandello conquistou, com o despeito de D’Annunzio e de Papini, os dois maiores mestres em arte literária de leveza espiritual, posição de relativo mérito, uma posição esplêndida que o permite dizer coisas que saídas da boca de um simples mortal equivaleriam por certo a uma justa condenação de morte.

Os escritores de hoje, esquecendo a influencia de Proust, esquecendo, conforme afirmam mesmo, a literatura enferma de Marcel Proust, procuram

afastar-se de seus problemas íntimos vivendo no centro da humanidade e tentando primeiro observar para depois contar e descrever. A literatura íntima, quase privada, do autor de “A la Recherche du Temps Perdu” deu lugar à literatura liberta, nascida não da viagem em torno de um quarto qualquer de qualquer água-furtada de Paris ou Londres, mas da vida no meio das multidões em conflito.

Proust ficou como um analista sutil da alma, ficou como um homem de olhos vendados que, para poder, independente das emoções do mundo exterior e independente das emoções que a vida coletiva produz em todos os seres humanos, olhar para dentro de si mesmo e perscrutar com nervosismo calmo a tragédia íntima do espírito que se consome aos poucos na luta com o terror e o misticismo.

Essa é a literatura de um Mauriac, onde a inspiração, elemento antigamente imprescindível a um bom novelista, é substituída pelo elemento dissertação, pela dissertação fiel do que se sente, do que se vê, das falsas verdades e das falsas mentiras, pela dissertação fiel do estado de uma civilização, da orientação do pensamento social segundo as formas ideológicas do autor, do estado de cultura e das condições essenciais da vida.

O que detém o romancista moderno é o tema. No caso por exemplo de Georges Duhamel, como também no caso do escritor de “Les plaisirs e les jours”, os personagens giram em torno da falência de nossa civilização, do aniquilamento de nossas formas de vida, falando, sentindo, interpretando o modo de agir, o modo de falar e o sentimento das massas. No estudo acurado do personagem em relação ao meio está o ponto capital a ser atacado com maestria pelo novelista moderno. Por isso, o conto, o romance ou a novela, elaborados em dias de hoje, trazem um sabor de fatalidade, um sentido ingênuo de sofrimento, de amargura e, no primeiro contato, chegam mesmo a desagradar o leitor. A vida em si nada representa. Do lado dramático da vida é que está a grandeza da própria vida. Na fuga à fatalidade, ao inevitável, está o segredo do entrecho. A literatura moderna acompanha o descontrole das forças espirituais que atuam no apalpar, no achegar-se ao núcleo de onde a vida se irradia e onde o sentimento coletivo toma-se mais agudo. E essa técnica, com alguma diferença, aliás,

fundamental característica no escritor moderno, quer em um populista como Leon Lemonnier ou quer em um escritor sem escola como Luigi Pirandello, concretiza as tendências desiguais que dão à literatura do presente um aspecto todo novo.

Na criação de uma técnica nova é que é imprescindível o elemento inspiração. Isto porque cada época e cada escola tem o seu modo particular de ver as coisas, porque cada escola tem a sua técnica, como cada época tem uma expressão e um sentido que lhe são próprios.

Pirandello fugiu às escolas, mas não fugiu da época. Sua obra em essência prende-se por todos os lados ao espírito do tempo. Tirando a mordacidade alucinante de “Tutto per Bene”, Pirandello lembra-nos com os seus imprevistos as situações imprevistas do velho Ibsen. No gosto dramático é que ele se afasta do etéreo Bernard Shaw. Silvia Ascenci, Marcos Verona, o pobre Martino Lori e a filha Ginetta são figuras típicas que mais parecem personagens de um drama ibseniano. E ninguém melhor do que Ibsen representa o início de nossa época.

Abstraindo o homem, Pirandello cria uma tragédia espiritual até hoje ignorada dos escritores que se propuseram desvendar a alma humana. Não que ele não ligue ao homem. Não que ele não ligue ao indivíduo. Pirandello nunca deixou de ligar ao homem e ao indivíduo. O homem criado por Pirandello é que não liga ao mundo que o envolve e ao que se passa cotidianamente ao redor dele.

Aí está a verdadeira originalidade da obra de Pirandello. Toda aquela fusão de séculos, toda aquela harmonia de partes que vem caracterizando o homem através de uma eternidade, toda a estrutura da vida social, toda a unidade orgânica, o equilíbrio, a coordenação, o complexo harmônico de forças, dá lugar à desintegração ou à desarticulação, dá lugar à supressão de valores e à criação de valores outros à medida que, de observação em observação, Pirandello penetra o pensamento do homem e domina a consciência universal. O seu repertório de idéias limita-se a atender os chamados da realidade que ele vê e sente do seu canto de analisador sorridente, do seu pequenino canto que é um mundo ou o espelho de um mundo, do seu canto de onde ele vê passar esbaforida a humanidade

em busca de um ideal que não existe e em busca de uma razão transcendental de vida que é a negação completa da existência de todo coletivo.

É assim o teatro de Pirandello: os personagens falam porque precisam dizer alguma coisa, andam e mexem-se porque é preciso não enervar o espectador paciente. Quem vive é o pensamento que ágil se transporta às regiões desconhecidas da alma do homem: o sub-consciente. No seu livro “Terzetti”, há um conto, “Chamando à Ordem”, que é uma estimável jóia de complicações mentais. É a história simples de um homem que ama uma mulher casada que possui verdadeira veneração pelo marido indiferente aos afetos sinceros da esposa que sofre terrivelmente ao ver o seu amado viver com outra mulher. Paulino Lovico é o herói. Não compreende como o sr. Petella tenha abandonado a esposa – uma verdadeira maravilha de candura – para coabitar com outra mulher que estava longe do comparar-se a sua doce e desgraçada “signora”. Procura um médico e convence-o de remediar o mal conforme já havia combinado com a “signora” Petella, que por ocasião da estadia do marido, chegado de Nápoles, onde vivia com a “outra”, o tentaria atrair chamando-o novamente ao legalíssimo lar. Lovico chega ao estupendo ponto de querer matar Petella. Entregue as pastilhas aconselhadas pelo médico à “signora”, passa a noite toda a rondar a residência do casal, pois tinha combinado com a “signora” um sinal que o deixasse ao par de tudo quanto se havia passado no interior. Cedo, quando amanhecia, ao dobrar a esquina, que dava para a rua onde se estava decidindo a “sua” sorte” eis que paf! o capitão Petella aparece à sua frente.

– Olá! O senhor por aqui?

– É verdade – balbuciou Lovico sem uma gota de sangue nas faces – levantei-me cedo e...

– Para passear ao fresco? – completou Petella – Feliz! Sem aborrecimentos... Livre e solteiro!

Lovico afundou os seus olhos nos olhos dele a fim de ver se conseguia descobrir algo... Mas só o fato daquele animalão andar fora de casa aquela hora, e além disso com aquele ar fora do jeito – ah! miserável! Naturalmente tornara a

brigar com a esposa (mato-o, pensou Lovico, palavra de honra, mato-o!) Mas sorridente foi dizendo:

– Vejo que também o senhor...

– Eu ? Resmungou Petella. Que há?

– O senhor... a estas horas...

– Ah! Espanta-se de me ver a estas horas? Uma noite horrível, caro professor!

– O senhor não dormiu bem?

– Não dormi nada! – gritou Petella com raiva. E sabes? Quando não durmo, quando não consigo dormir, eu me exaspero!”

Pirandello fixa aqui o contraste entre as duas individualidades e fixa mais de propósito a figura do pobre Lovico, do honrado Lovico querendo lavar a honra da mulher esquecida pelo marido.

– Eu não o deixo, pensava Lovico consigo. Subo com ele, e se não cumpriu com a obrigação, este é o último dia para todos os três!”

Firmou no espírito esse pensamento feroz. Concentrou violência e ódio. E... sentiu afrouxarem-se os membros, desfazer-se o corpo aos pedaços, assim que – dobrando a esquina e erguendo os olhos para a janela da casa de Pitella – viu, estendidos no cordel, (oh! Deus!) um... dois... três... quatro... cinco lenços! Enrugou o nariz, abriu desmesuradamente a boca e, com o cérebro em confusão, soltou um “ah” de espasmo dando expansão à alegria que o sufocava.

– O que é que o sr. tem? – gritou Petella, pensando-o socorrer.

E Lovico:

– Oh! meu caro capitão! Oh! meu caro! Obrigado, obrigado, mil vezes obrigado! Foi uma delícia para mim este belo passeio... mas estou cansado, quase morto, sinto que desfaleço, que caio... Obrigado de todo coração...

O sinal fora dado. Lovico reconciliara os dois com as pastilhadas aconselhadas pelo médico. Estava feliz com a felicidade da mulher do outro.

A originalidade desse mestre formidável está na concisão, na intensidade, na expressão real de vida que dá às suas criações para assombrar o puritanismo do leitor ou do espectador burguês. Em peças como “Ma no é una cosa seria” a

beleza está no grotesco. Ele espanta, amedronta, ridiculariza-nos. Dá-nos a certeza de que nada valem os homens civilizados. O problema da personalidade firma-se nesse ponto. Pirandello quebrou a estrutura de um mundo que parecia eterno. Ensina a desconfiar do super-homem de Nietzsche e a não acreditar mais em nada que parta do cérebro ou seja produto da inteligência. Ensina a negar, a negar afirmando o que aparentemente negamos.